



ILÈ ASÉ E NSTITUTO OROMILADE.

As religiões de matriz africana e a escola.

Guardiãs da Herança cultural, memória e tradição africana.

Yá comendadora Carmen S. Prisco

2012

RUA EROS EMILIO TUROLA, 35/45- PRAIA GRANDE/SP.



Mapa da diáspora africana.

Nossa contribuição começa quando analisamos o mapa da diáspora africana e a chegada cronológica dos escravos africanos ao Brasil.

NOSSOS ANCESTRAIS:

BANTUS, grupo mais numeroso, dividiam-se em dois subgrupos: angola-congoleses e moçambiques. A origem desse grupo estava ligada ao que hoje representa Angola, Zaire e Moçambique (correspondentes ao centro-sul do continente africano) e tinha como destino Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo.

IORUBAS OU NAGÔS -SUDANESES dividiam-se em três subgrupos: iorubas, jejes e fanti-ashantis, **trazidos do** sudoeste do continente africano do que hoje é representado pela Nigéria, Daomei e Costa do Ouro e seu destino geralmente era a Bahia.

Os **IORUBÁS** são o principal grupo étnico nos estados de Ekiti, Kwara, Lagos, Ogun, Ondo, Osun, e Oyo. Um número considerável de iorubas vive na República do Benin,

Os **JEJES** são um povo africano que habita o Togo, Gana, Benim e regiões vizinhas, representado, no contingente de escravos trazidos para o Brasil, pelos povos denominados fon, éwé, mina, fanti e ashanti.

Os **GUINEANOS-SUDANESES MUÇULMANOS** dividiam-se em quatro subgrupos: fula, mandinga, haussas e tapas. Esse grupo tinha a mesma origem e destino dos sudaneses, a diferença estava no fato de serem convertidos ao islamismo.

FON - a maior expressão histórica, política e social do povo se expressou no Benin através do **Reino do Dahomey** e na Diáspora africana através do **vodun**.

Todos esses, falando línguas diferentes e cultuando seus próprios deuses.

CONSTRUINDO

NOSSA RELIGIOSIDADE E CONHECIMENTO

Os bantus

Os angolanos e os congueses chegaram primeiro aqui. A partir de 1580 já havia uma grande quantidade de escravos na Bahia. Os negros de Angola foram escravizados junto com os índios nas fazendas dos jesuítas e de certos senhores de engenho. Eles receberam dos indígenas o segredo das plantas da terra e criaram os primeiros candomblés, chamados de calunduns.

Os djedjes.

No século XIX chega a próxima leva de escravos africanos que são os **djedjes**, muito importantes numericamente, eles já encontram uma tradição religiosa organizada, herdam vários elementos, mas trazem muitos recursos importantes da própria tradição jeje e criam uma segunda tradição aqui.

Os nagos.

Ainda há um terceiro momento, dos nagôs e iorubás, que são os últimos a chegar, mas vêm com tradições poderosíssimas, que trazem muitas novidades também, mas que absorvem essa terminologia, essa organização espacial, tanto é que dentro do candomblé de ketu existem vários termos de Angola e do jeje, que foram absorvidos. Ou seja, o candomblé de ketu nagô trouxe tradições que influenciaram todos os demais, mas, por sua vez, eles também absorveram tradições que já estavam instaladas aqui”.

Além de se misturarem entre si, as tradições africanas também receberam influências das culturas indígena e portuguesa. Este cruzamento é a base da criação de religiões como a umbanda, o catimbó e a jurema nordestina.

A religiosidade afro brasileira.

O candomblé, o cabula, a umbanda, a quimbanda, etc.

Cultos etnico-religiosos.

Batuque - Rio Grande do Sul, e se estendeu para países vizinhos como Uruguai e Argentina. É fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, como as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô.

Candomblé- Do Calundu colonial da Bahia surgem os primeiros terreiros de candomblé e com eles a organização político-social-religiosa.

Cabula é o nome pelo qual foi chamada, na Bahia, uma seita surgida no final do século XIX, com caráter secreto e fundo religioso. Além do cunho hermético, a seita mantinha forte influência da cultura afro-brasileira, sobretudo dos malês, bantos com sincretismo provocado pela difusão da Doutrina Espírita nos últimos anos do século XIX. A **Cabula** é classificada como candomblé de caboclo, considerada como precursora da Umbanda, persiste ainda como forma de culto nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Culto aos Egungun é uma das mais importantes instituições, tem por finalidade preservar e assegurar a continuidade do processo civilizatório africano no Brasil, é o culto aos ancestrais masculinos, originário de Oyo, capital do império Nagô, que foi implantado no Brasil no início do século XIX. O culto principal aos Egungun é praticado na Ilha de Itaparica no Estado da Bahia mas existem casas em outros Estados.

Catimbó- Concebe-se como **Catimbó-Jurema**, ou simplesmente **Jurema**, a religião que se utiliza de sessões de Catimbó na veneração da Jurema sagrada e dos Orixás (sendo estes últimos inexistentes no culto catimbozeiro original).

O Catimbó-Jurema^[1] é um culto híbrido, nascido dos contatos ocorridos entre as espiritualidades indígena, européia e africana, contatos esses que se deram em solo brasileiro, a partir do século XVI, com o advento da colonização. ^[2]

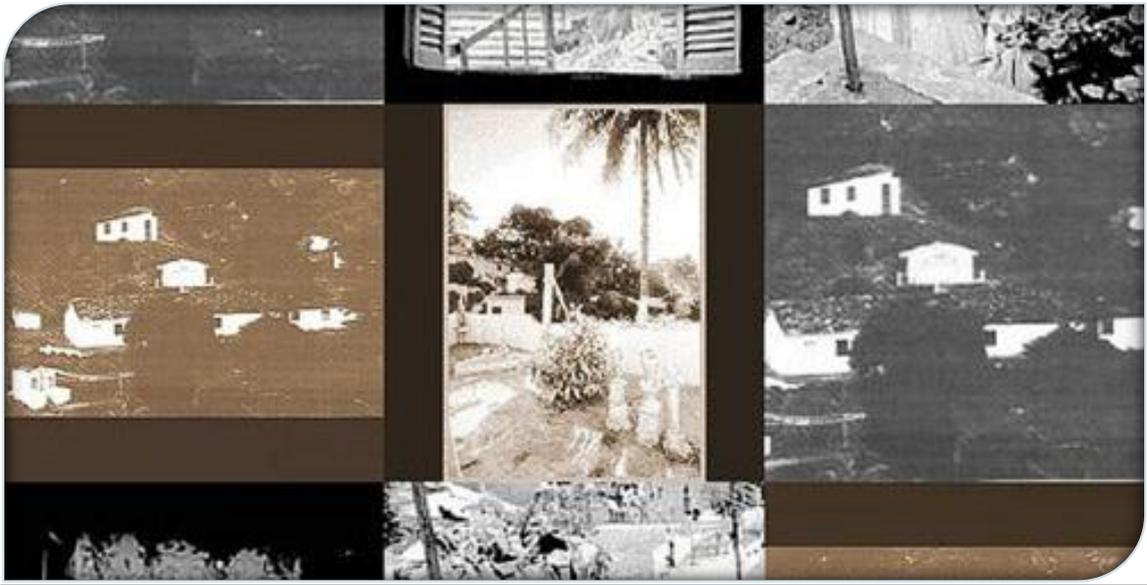
Umbanda é uma religião brasileira que sincretiza vários elementos, inclusive de outras religiões como o catolicismo, o espiritismo, as religiões afro-brasileiras e a religiosidade indígena. A palavra *umbanda* deriva de *m'banda*, que em quimbundo significa "sacerdote" ou "curandeiro".^[1]

Quimbanda. - é uma ramificação da umbanda desde a sua fundação pelo médium brasileiro Zélio Fernandino de Moraes, já que o mesmo admitiu ter um exu como guia por ordens de seus guias. Assim como qualquer religião, dentro da quimbanda, existem várias linhas de desenvolvimento, mas o princípio de trabalhar respeitando as leis da Umbanda é fundamental, uma vez que estas entidades são comandadas pelas entidades da Umbanda, que é sua matriz.

Xambá- A Nação Xambá é uma religião afro-brasileira ativa em Olinda, Pernambuco. Alguns autores, como Olga Caciatore^[1] e Reginaldo Prandi,^[2] afirmam que este culto está praticamente extinto no país.

Omolocô é um culto originário do Rio de Janeiro com práticas rituais e de culto aos Orixás e que aceita cultos, aos Caboclos, aos Pretos-velhos e demais Falangeiros de Orixás da Umbanda. O culto Omolokô é apontado por estudiosos do assunto e praticantes como um dos principais influenciadores da formação da Umbanda africanizada ao lado do Candomblé de Caboclo, do Cabula e do próprio Candomblé. Teria surgido, segundo Tancredo da Silva Pinto entre o povo africano Lunda-Quiôco.

O CANDOMBLÉ



Reduto de resistência e organização social.

O CANDOMBLÉ.

Após mais de um século de escravidão, resolveu-se resguardar a identidade de cada povo usando a religião africana do candomblé para definir um processo de integração das diferentes nações cujos representantes chegaram ao Brasil durante o período da escravidão.

O que significa

Candomblé é uma palavra derivada da língua bantu:

ca [ka]=uso, costume,

ndomb=negro, preto ,

lé=lugar, casa, terreiro e/ou pequeno atabaque.

A reunião dos três vocábulos resulta em "**lugar de costume dos negros**", por extensão, lugar de tradições negras, tradições entre as quais, destacam-se, no sentido atual as práticas religiosas que incluem a música percussiva, a dança, as comidas, o idioma, usos e costumes, e principalmente a hierarquia ou organização social.

O PANTEÃO.

AFRICA

O panteão africano reúne mais de 400 divindades.

BRASIL

16 orixás principais,

Não obstante, "correndo por fora", contam-se ainda, outros 14 orixás reconhecidos em diferentes centros de culto.

Os 16 Orixás cultuados no Brasil.



Essú, Ògún, Osossi, Osanyin, Obalúayé, Òsumàré, Nàná Buruku, Sàngó, Oya, Obá, Ewa, Osun, Yemanjá, LogunEde, Oságuian e Osàlufan

Herança cultural, memória e tradição africana.

O candomblé visto como reduto de resistencia.

O modo africano de ser/viver/conhecer/saber está no dia a dia dos terreiros de candomblé e perpassa toda a cultura nacional, só que isso é camuflado e muitos de nós não aprendemos através da formação escolar.

Hoje podemos dizer que essa influência está na ciência (que até pouco tempo era considerada um legado exclusivo dos portugueses), nos modos de curar doenças, na engenharia, nos modos de construir, na arquitetura, na estética, na culinária e – por que não? – na religiosidade, nas manifestações culturais e artísticas, na nossa brasilidade.

Vencendo o preconceito.

Agora vamos aprender intelectualmente e que já tenhamos aprendido com o coração, a cabeça (ori), os olhos, ouvidos, braços e pernas, com o nariz, e talvez acionando o passado estejamos construindo no presente um futuro sem preconceitos racial ou social.

O IDIOMA.

O idioma português chegou ao território brasileiro a bordo das naus portuguesas, no Século XVI, para se juntar à família lingüística tupi-guarani, em especial o Tupinambá, um dos dialetos Tupi.

Português, a língua oficial do Brasil

Os índios, subjugados ou aculturados, ensinaram o dialeto aos europeus que, mais tarde, passaram a se comunicar nessa "língua geral" - o Tupinambá. Em 1694, a língua geral reinava na então colônia portuguesa, com características de língua literária, pois os missionários raduziam peças sacras, orações e hinos, na catequese.

Com a chegada do idioma iorubá (Nigéria) e do quimbundo (Angola), por meio dos escravos trazidos da África, e com novos colonizadores, a Corte Portuguesa quis garantir uma maior presença política. Uma das primeiras medidas que adotou, então, foi obrigar o ensino da Língua Portuguesa aos índios.

Lei do diretório

Em seguida, o Marques de Pombal promulgou a Lei do Diretório (1757) que abrangia a área compreendida pelos estados do Pará e do Maranhão, um terço do território brasileiro de então. Esta lei considerava a língua geral uma "invenção verdadeiramente abominável e diabólica" e proibia às crianças, filhos de portugueses, e aos indígenas aprenderem outro idioma que não o português.

Em 1759, um alvará ampliou a Lei do Diretório: tornou obrigatório o uso da língua portuguesa como idioma oficial em todo o território nacional. Portanto, ao longo de dois séculos, o Brasil possuiu dois idiomas: a língua geral ou tupinambá e o português.

A influência banto

é muito mais profunda em razão da antiguidade do povo banto no Brasil, da densidade demográfica e amplitude geográfica alcançada pela sua distribuição humana em território brasileiro.

A sua presença foi tão marcante no Brasil no século XVII que, em 1697, é publicada, em Lisboa, A arte da língua de Angola, do padre Pedro Dias, a mais antiga gramática de uma língua banto, escrita na Bahia para uso dos jesuítas, com o objetivo de facilitar a doutrinação dos 25.000 negros angolanos, segundo Antônio Vieira, que se encontravam na cidade do Salvador sem falar português (Cf. Silva Neto 1963:82).

Os aportes bantos ou bantuisms

ou seja, palavras africanas que entraram para a língua portuguesa no Brasil, estão associados ao regime da escravidão (senzala, mucama, bangüê, quilombo), enquanto a maioria deles está completamente integrada ao sistema lingüístico do português, formando derivados portugueses a partir de uma mesma raiz banto (esmolambado, dengoso, sambista, xingamento, mangação, molequeira, caçulinha, quilombola), o que já demonstra uma antiguidade maior.

Em alguns casos, a palavra banto chega a substituir a palavra de sentido equivalente em português: **caçula por benjamim, corcunda por giba, moringa por bilha, molambo por trapo, xingar por insultar, cochilar por dormir, dendê por óleo-de-palma,**

bunda por nádegas, marimbondo por vespa, carimbo por sinete, cachaça por aguardente.

Alguns já estão documentados na literatura brasileira do século XVII, a exemplo dos que se encontram na poesia satírica de Gregório de Matos e Guerra. (1633-1696).

os aportes do iorubá

Devido a uma introdução tardia e à numerosa concentração dos seus falantes na cidade do Salvador, os aportes do iorubá são mais aparentes, especialmente porque são facilmente identificados pelos aspectos religiosos de sua cultura e pela popularidade dos seus orixás no Brasil (Iemanjá, Xangô, Oxum, Oxossi, etc.). Por isso mesmo, a investigação sobre culturas africanas no Brasil tem sido baseada nos mais proeminentes candomblés de tradição nagô-queto em Salvador, uma abordagem metodológica que vem sendo observada desde Rodrigues (1945) e que terminou por desenvolver a tendência de interpretar os aportes africanos no Brasil através de uma óptica iorubá, mesmo quando não o são.

"cochilo".

É muito comum, em várias regiões do país, após o almoço tirar

um "**cochilo**". O termo vem das línguas africanas e foi apropriado pela

língua portuguesa. Cochilar significa dormir um pouco.

Axé ou asé.

No contexto da efervescência das lutas e organizações de valorização da negritude, a palavra "Axé" vai ocupar um lugar de destaque na língua portuguesa, dada a sua significação. O termo extrapola seu alcance no âmbito das religiões e passa a ser compreendido e assimilado na língua portuguesa como a energia irradiante, contaminadora que nasce das ações e práticas dos negros.

Moleque.

O termo moleque é empregado para designar criança pequena. É comum também o seu uso quando algumas crianças se comportam de maneira que entendemos inadequada. Nesse caso o termo comporta uma dose de pejoratividade e pode ser inclusive ser usado para referir-se a gente grande, que se comporta como criança, sem responsabilidades ou de forma desavergonhada.

"chamego ou cafuné"

Ainda nas relações familiares, ao referir-se a alguém que está meio tristonho, fazer um "chamego, um cafuné" é uma prática social que restabelece o ser. Trata-se de um modo carinhoso de cuidar. Nas relações sociais, o chamego é empregado como terminologia que encerra galanteios e conquistas. Ficar de chamego com alguém é o mesmo que deixar aflorar um "bem querer"...

Oxalá

Oxalá é o nome de um orixá cultuado nos terreiros, cujo dia em que se celebra é a sexta-feira, razão pela qual muito utilizam a cor branca em suas roupas nesse dia. Entretanto no

cotidiano da língua portuguesa, oxalá, tornou-se uma expressão cujo significado “queira Deus”, “permita Oh Deus”.

O Plural.

Do ponto de vista da morfologia e da sintaxe, na língua iorubá, a composição do plural dos substantivos se dá pela flexão dos artigos que os precedem. Enquanto na língua portuguesa se constrói o plural flexionando os substantivos, na estrutura da língua iorubá, isso se faz apenas com os artigos. Exemplificando: Na língua portuguesa, a construção do plural de “a casa” fica “as casas”. Em ioruba flexiona-se só o artigo e fica assim “ as casa”.

Vogal e consoante.

Nas línguas iorubá e banto não se utiliza consoantes na pronúncia das palavras, quando essas estão no final da palavra. Na língua portuguesa tais consoantes fazem parte da regra gramatical. Ao afirmar essa configuração linguística, vamos encontrar na pronúncia brasileira as palavras terminando com as vogais. Ex.: cantá, quando deveria, segundo a língua portuguesa ser cantar; comê, ao invés de comer; pulá, em se tratando de pular. Essa tendência está relacionada à estrutura silábica da língua iorubá.

Encontro de consoantes.

Outra particularidade interessante é a questão dos encontros consonantais. Esses tão comuns na estrutura da língua portuguesa inexistem na língua iorubá. É comum no falar cotidiano encontrarmos as palavras com tais encontros consonantais sendo desfeitos com a inserção de uma vogal entre as consoantes. Aqui o exemplo clássico é a palavra salvar, que em função do desdobramento das consoantes L V é acrescido a vogal A, precedida de R, resultando na palavra **SARAVA**. Algo muito parecido acontece com a palavra **flor**. As letras F e L vão receber a vogal U entre si o que resulta na palavra **FULÔ**, sem o R final em função do que explicitamos acima.

Como consideração final

Muitos termos compreendidos como “falta de cultura” na verdade estão associados às origens africanas não assimiladas em função

da dominação cultural e linguística dos colonizadores, que impuseram

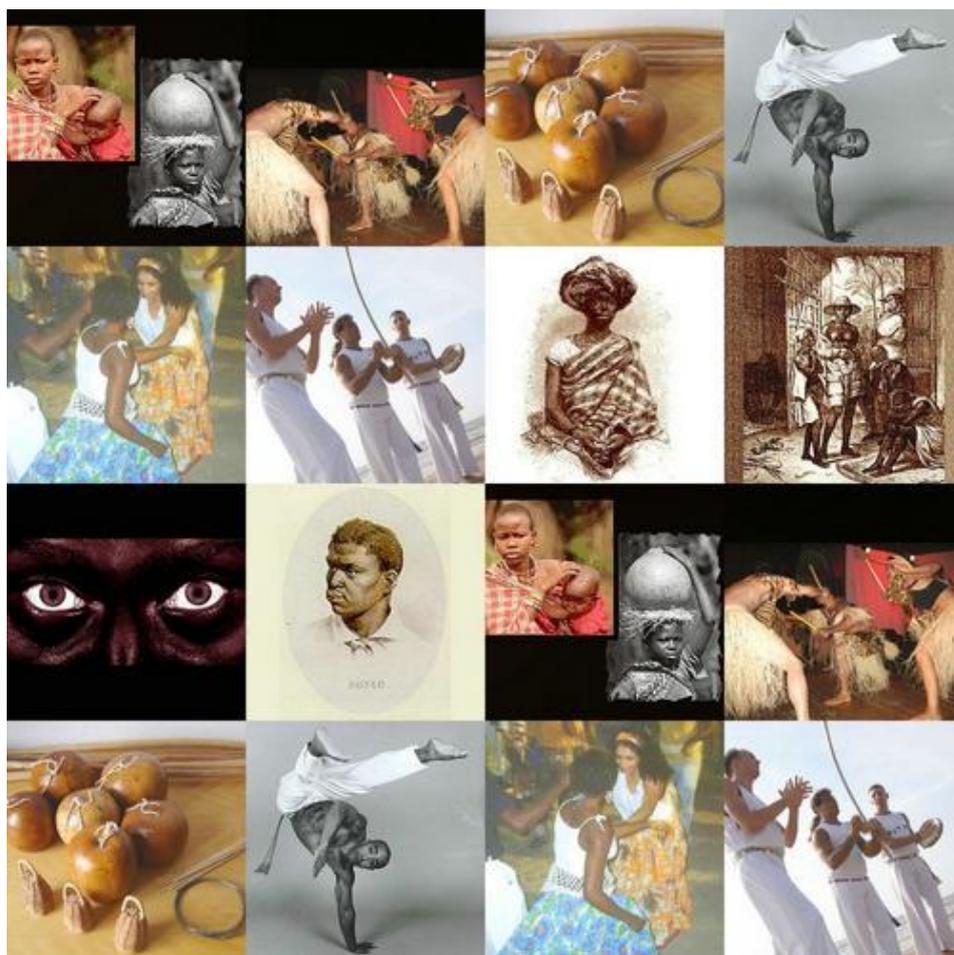
a língua portuguesa em todo o território nacional, tornando-a língua

oficial a ser ensinada nas escolas.

Africanização do português

o português brasileiro descende de três famílias linguísticas: a família Indo-Européia que teve origem entre a Europa e a Ásia, da qual faz parte a língua portuguesa; a família Tupi, de línguas faladas pelo indígenas brasileiros e que se espalha pela América do Sul; e, por fim, a família Níger-Congo que teve origem na África subsaariana e se expandiu por grande parte desse continente. Conseqüentemente, povos indígenas e povos negros, ambos marcaram profundamente a cultura do colonizador português que se estabeleceu no Brasil, dando origem à uma nova variação da língua portuguesa – mestiça, brasileira

O idioma que se fala Nos candomblés do Brasil.



Terreiros da nação angola.

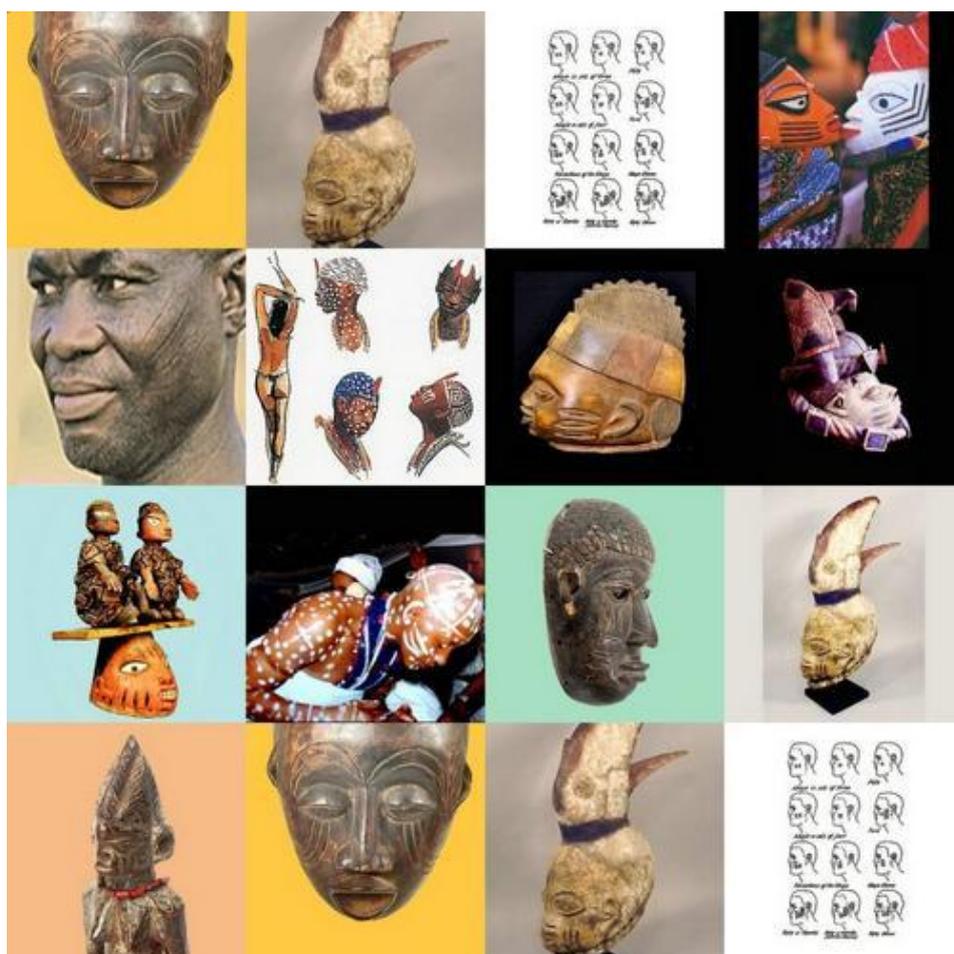
kimbundo e kikongo

As casas de candomblé de congo-angola usam como línguas veiculares, segundo a opinião geral do povo-de-santo angoleiro, o kimbundo e kikongo, línguas do grupo lingüístico bantu, ambas faladas na República de Angola, a primeira pelos ambundos e a segunda pelos bakongos, povos que fazem limites geográficos entre si e dentre os quais foram trazidos milhares de pessoas escravizadas para o Brasil, entre os séculos XVI e XIX.

- 1.dilòngà – prato
- 2.Ndáka - língua, goela, cordas vocais, palavra, palavra.
- 3.ménga - sangue
- 4.maza -água, rio, líquidos variados.
- 5.ndó - compartimento, acampamento noturno, banheiro
- 6.ngoma grande tambor de dança cilíndrico
- 7.Nsàba - jardimzinho, horta, pequena plantação.
- 8 .Nzàlà - fome, penúria, necessidade
- 9.Bakissi (quarto de santo) ?
- 10.kuxikama – assentamento do santo (?)
- 11.Nzo (casa)
- 12.Ndó k (banheiro)
- 13.Sakulupemba (limpeza com pemba)
14. Sakula (limpa)

- 15.Katula (corta)
- 16.Nkuala (cabaça)
17. Ngoma (tambor)
- 18.Muana-Puto (fósforo) ?
- 19.muíla (vela) ?
- 20.maza (água)
- 21.kanjica,(?) kidobo
- 22.Nkaba (mandioca)
- 23.massangu (milho)
- 24.Nguba (pimenta)
- 25.Kezu - plural makezu (obi) kb – kazu -
- 26.diki kk (ovo)
- 27.Fufú (farinha)
- 28.mungwa -sal
- 29.dendê (azeite)
- 30.Mafuta -óleo
- 31.Nungu (pimenta)
- 32.Malavu (bebida fermentada)
- 33.Dimpá/mampá –(pão)
- 34.lôso (arroz)
- 35.Dikondi/makonde –(banana)
- 36.Nkalu –(cabaça)
- 37.duté (chá) ?
- 38.dulé (leite) ?
- 39.mateme café (?)
- 40.mbele (navalha)

O idioma que se fala nos Terreiros da nação jeje.



EWE-FONGBE (JEJE).

Há ainda, nos terreiros jejes, o uso de palavras de origem yorubá devido à influência dos candomblés nagôs e do culto nagô-vodun, dentre elas: agô, axé, padê, ori, adé, etu, erê, ejé, ebó, dentre outras, variando de casa para casa.

abaman/agbã: caneca.

abagana: pulseira

Aberigàn: um dos nomes do vodun Gbèsén.

àbikú: natimorto, nascido para morrer

àbikúsén: cultuar àbikú.

ablóò: pão de milho fermentado.

dorozàn: dança, o mesmo que xirê.

Doné: sacerdotisa cujo vodun pertence à família de Hevioso.

Doté: sacerdote cujo vodun pertence à família de Hevioso.

Doté/doné aó: pedido de bênção dos iniciados cujo vodun pertence a família de Hevioso para seu (a) dote/doné.

dokwé/kúkúwé (grafa-se doxwé/kúxwé): cemitério.

édàbò: adeus.

egbe: hoje.

ekidi: acaçá vermelho.

Ekú: a Morte (divindade).

émi/emilé: ele/ele mesmo.

éǒ: não.

Etemi: alguém com mais tempo de "santo". O mesmo que egbomi para os nagôs.

esín/sín: água.

gbedomè: olá, saudações.

Gbédoto: Criador da Vida (Mǎwǔ-Lisá)

gbègluzà: javali, porco selvagem.

gbeme: atmosfera, natureza.

gbǒ: cabras.

gbò: pare.

gbó: muito (no sentido de bastante); em grande quantidade.

glo: em baixo, abaixo

lan: carne.

lékè: cana-de-açúcar.

Legbá: divindade análoga ao orixá Exú dos yorubás.

Ìjà - Briga
Ìjábà - Acidente
Ìjéta - Anteontem
Iji - Árvore
Ìka - Dedo
Ìkú - Morte
Ilá - Quiabo
Ìlà Òrùn - Leste
Ilé - Casa
Ilè - Terra
Ilé Okú - Cemitério
Ìlú - Cidade
Imú - Nariz
Inón - Fogo

Òjò - Chuva
Ojó Ajé - Segunda-feira
Ojó Ìségún - Terça-feira
Ojó Rú - Quarta-feira
Ojó Bò - Quinta-feira
Ojó Etí - Sexta-feira
Ojó Àbáméta - Sábado
Ojó Àìkú - Domingo
Ojú - Olho
Ojú Òrun - Céu
Okan - Coração
Òkè - Montanha
Okò - Esposo
Okó - Pênis
Òkú - Cadaver
Òkun - Mar
Okunlin - Homem
Òkúta - Pedra

Wàrà - Leite
Wè - Banho
Wò - Vestir
Wolé - Entrar
Wúrà - Ouro

::: S :::

Correspondente a Letra "X"

Saju - Antes
Sirè - Diversão

Culinária.

Na perspectiva da apropriação dos termos africanos na língua portuguesa, a culinária brasileira é um lugar onde uma vasta terminologia acabou se configurando prática cotidiana.



A influência africana na dieta do brasileiro

possui dois aspectos. O primeiro diz respeito ao modo de preparar e temperar os alimentos. O segundo, à introdução de ingredientes africanos na culinária portuguesa.

Mas, na Bahia, no fim do século XVIII esse processo de organização das comunidades religiosas se inicia para além das devoções individuais e domésticas dos escravos e libertos. (...) quando foram recriadas muitas das comidas cotidianas dos homens e dos santos. Pois que os santos comem o que os homens comem.

Nessa altura...

O negro já havia introduzido na cozinha portuguesa o **leite de coco-da-Bahía, o azeite de dendê**, confirmou a excelência da **pimenta malaqueta** sobre a **do reino**, deu ao Brasil **o feijão preto, o quiabo**, ensinou a fazer **vatapá, caruru, mungunzá, acarajé, angu e pamonha**.

A cozinha negra, pequena mas forte, fez valer os seus **temperos, os verdes**, a sua maneira de cozinhar. Modificou os pratos portugueses, substituindo ingredientes; fez a mesma coisa com os pratos da terra; e finalmente criou a cozinha brasileira, descobrindo o **chuchu com camarão**, ensinando a fazer pratos com **camarão seco** e a usar as **panelas de barro** e a **colher de pau**.

essa cozinha tão marcadamente africana - que a ideologia de um sistema religioso ajudou a criar e de certa maneira ajuda a preservar - se encontra atualmente espalhada por todo o país.

A Carne seca



A carne que era salgada e secada ao sol no período colonial a qual os negros chamavam de "jabá" passou a fazer parte da culinária brasileira.

O Acarajé.

Quase todas as pessoas que visitam Salvador querem conhecer e experimentar o "acarajé" do tabuleiro da baiana. O acarajé é um termo utilizado para designar uma comida tipicamente baiana. Trata-se de um alimento, uma especialidade gastronômica da culinária afro-brasileira.

O CAMARÃO SECO SALGADO OU DEFUMADO.



O camarão seco defumado é utilizado no preparo de pratos típicos da Bahia (acarajé, xinxim de galinha, farofa de azeite, bobó de camarão, caruru, vatapá, etc).

As pimentas da África.



A pimenta é um ingrediente antigo e muito utilizado pelas culinárias africana e indígena. Tanto os índios nativos do país, quanto os negros africanos que vieram como escravos consumiam pimentas em abundância. Os primeiros comiam-nas secas ou piladas, juntamente com farinha de mandioca (*quya*). Com a chegada dos escravos africanos ao Nordeste do Brasil – a primeira Região a ser ocupada pelos colonizadores – o consumo de pimentas foi incrementado. A nobreza e o clero apreciaram muito a pimenta brasileira – a *Capsicum* – que, por ser mais suave, passou a ser preferida e exportada para Portugal.

A culinária no bassè.

Os pratos assumem estéticas próprias nas maneiras de servir, nos acompanhamentos

de arroz, de pirões e farofas de farinha-de-mandioca, molhos de pimenta, entre outros. Há escolhas de utensílios, objetos de barro, de madeira, de louça, para cada receita que tenha no quiabo o principal ingrediente, como o amalá.

O azeite de dende.



Óleo extraído da noz do dendezeiro, de larga aplicação na culinária e nos cultos afro-brasileiros. Na religião dos orixás, é substância fortemente portadora de axé. No simbolismo iorubá, representa o poder dinâmico dos descendentes de Oduduá.

Fonte: Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, Nei Lopes

O quiabo africano.



Hibiscus esculentus

Originário da África, é também conhecido por quingomba e gombo em Angola, e gongo em outras regiões do continente.

Comida tradicional



Amalá

Comida sagrada do orixá Xangô. Feita de quiabos em rodelas e alguns inteiros, refogados no azeite-de-dendê, com cebolas, camarões defumados e pimentas, sobre pirão de inhame e complementado com acaçás – bolos de milho branco cozidos em folhas de bananeira –, tudo colocado em gamela redonda de madeira, assumindo estética própria das comidas dos

candomblés.

Acarajés.



Bolo de feijão-macaça temperada e moída com camarão seco, sal e cebola, frito com azeite de dendê e oferecido ao Orixá Oyá.

Abará.



Bolinho de origem afro-brasileira feito com massa de feijão-fradinho temperada com pimenta, sal, cebola e azeite-de-dendê, algumas vezes com camarão seco, inteiro ou moído e misturado à massa, que é embrulhada em folha de bananeira e cozida em água. (No candomblé, é **comida-de-santo**, oferecida a Iansã, Obá e Ibeji).

Aberém.



Bolinho de origem afro-brasileira, feito de milho ou de arroz moído na pedra, macerado em água, salgado e cozido em folhas de bananeira secas. (No candomblé, é **comida-de-santo**, oferecida a Omulu e Oxumaré).

Akará ou acassá (Ikó).



Bolinho da culinária afro-brasileira, feito de milho macerado em água fria e depois moído, cozido e envolvido, ainda morno, em folhas verdes de bananeira. (Acompanha o vatapá ou caruru. Preparado com leite de coco e açúcar, é chamada acaçá de leite.) [No candomblé, é **comida-de-santo**, oferecida a Oxalá, Nanã, Ibeji, Iêmanja e Exu.]

Ado.



Doce de origem afro-brasileira feito de milho torrado e moído, misturado com azeite-de-dendê e mel. (No candomblé, é comida-de-santo, oferecida a Oxum).

A feijoada.



Mas nunca esquecendo que a feijoada, oferecida á Ogun e aos pretos velhos, surgiu nas senzalas, feitas pelos escravos que cozinhavam o feijão nas horas de seus intervalos e aproveitavam os restos de porco (rabinho e pés) jogados fora pelos seus senhores

Aluá.



Bebida refrigerante feita de milho, de arroz ou de casca de abacaxi fermentados com açúcar ou rapadura, usada tradicionalmente como oferenda aos orixás nas festas populares de origem africana.

Comidas vendidas nas ruas da Bahia, no fim do século XVIII



vendidos nas ruas da cidade negra da Bahia, por "escravos-de-ganho".

Digno de nota.

Um cronista da época, Luís dos Santos Vilhena, que foi professor de grego na Bahia no fim do século XVIII, dali escreveu uma série de cartas a um amigo em Portugal, publicadas em livro, com o título ainda barroco de Recopilações de notícias soteropolitanas e brasílicas (1ª edição: 1802). Dizia, então, Vilhena, na Carta Terceira:

Carta terceira.

"Não deixa de ser digno de reparo ver que das casas mais opulentas desta cidade, onde andam os contratos e negociações de maior porte, saem oito, dez e mais negros a vender pelas ruas, a pregão, as coisas mais insignificantes e vis: como sejam, mocotós, isto é mãos de vaca, carurus, vatapás, mingaus, pamonhas, canjicas, isto é, papas de milho, acassás, acarajés, abarás, arroz de coco, feijão de coco, angus, pão-de-ló de arroz, o mesmo de milho, roletes de cana, queimados, isto é, rebuçados a oito por um vintém e doces de infinitas qualidades, ótimos, muitos pelo seu aceio, para tomar por vomitórios; o que mais escandaliza é uma água suje feita com mel e certas misturas que chamam aluá que faz por vezes de limonada para os negros."

A cultura.



Herança africana dentro e fora dos terreiros.

O folclore.

O folclore é entendido como o conjunto de manifestações espirituais, materiais e culturais de origem popular, transmitidos via oral ou pela prática de geração em geração.

A musica

As identidades sonoras afro-descendentes revelam memórias, trazem muitas estéticas musicais dos sistemas etnoculturais dos povos africanos no Brasil. Assim, são preservados estilos, repertórios, instrumentos musicais, estéticas de tocar e estéticas de cantar, ampliando percepções que vão muito além dos sistemas tonais de culturas do Ocidente, ganhando uso e representações de sonoridades integradas a outras linguagens que expressam afro-descendência.

Os instrumentos africanos.

A maioria dos instrumentos musicais é de percussão: ingome, atabaque, adufe, afoxé, tamborim, agogô, gonguê, faia (zabumba), casaca (reco-reco antropomorfo), adjá, ganzá, xaque-xaque (chocalho de flandres). Há também os de corda, como a rabeca e o berimbau, entre muitos outros.

Os sons integram momentos do dia-a-dia, têm grande revelação no tempo da festa, são fontes de contato religioso, assumem os espaços das danças, do teatro, das brincadeiras, sendo essencialmente lúdicos e comunicadores, assumindo funções de sociabilidade e exercícios de pertencimento.

Afoxé.



Afoxé é um instrumento musical composto de uma cabeça pequena redonda, recoberta com uma rede de bolinhas de plástico ou metal, parecido com o Xequerê sendo que o afoxé é menor. Alguns estudos relatam o Afoxé como um instrumento afro-brasileiro. O afoxé pode ser de madeira, cabeça, coco, metal ou plástico com missangas ou contas ao redor de seu corpo. O som é produzido quando se giram as missangas em um sentido, e a extremidade do instrumento (o cabo) no sentido oposto. Antigamente era tocado apenas em Centros de umbanda e no samba. Atualmente, o afoxé ganhou espaço no Reggae e música Pop.

Adjá.



Instrumento Sagrado e sem substituição nos rituais de Candomblé e Umbanda, o Adjá ou Adjarin é uma sineta de metal, feito com Bronze ou metal Dourada ou simplesmente Prateado.

Nas casas de Santo e nos Terreiros vemos muito o adjá sendo utilizado pelos médiuns mais antigos da casa, ou médium "coroado" com pais e mães pequenos(a).

Macumba.



A origem da palavra macumba vem, é claro, de nossa mãe África, onde macumba é o nome da madeira vinda da Macumbeira ou ainda Macumbe, uma árvore nativa. Essa madeira é utilizada para a confecção do atabaque, reco-reco e outros instrumentos musicais.

Sekerè.



Xequerê em português, Shekere em inglês e Sekere na ortografia Yoruba, é um instrumento musical de percussão da África, consiste de uma cabaça seca cortada em uma das extremidades e envolta por uma rede de contas. Ao longo de todo o continente africano é chamado de diferentes nomes, como o lilolo, axatse (Gana), e chequere. É predominantemente chamado shekere na Nigéria.

Leia mais: <http://www.mundopercussivo.com/estudos-e-pesquisas/conhecaosinstrumentos/xequer%c3%aa/>

Casaca (reco-reco antropomorfo)



A casaca é um instrumento musical de percussão da classe dos idiofones, feito de madeira, também chamado cassaca, casaco, cansaca, canzaca, canzá, ganzá, caracaxá, reque-reque reco-reco e reco-reco de cabeça. É também um dos principais instrumentos das bandas de congo do Espírito Santo.

Faia, alfaia ou zabumba.



Alfaia (significado: roupa, utensílio, enfeite) é um instrumento musical da família dos membranofones (o som é obtido através da membrana ou pele) com volume determinado pelo tocador, utilizado principalmente no ritmo do Maracatu, e também usado no Coco-de-Roda e Ciranda.

Caxixí.



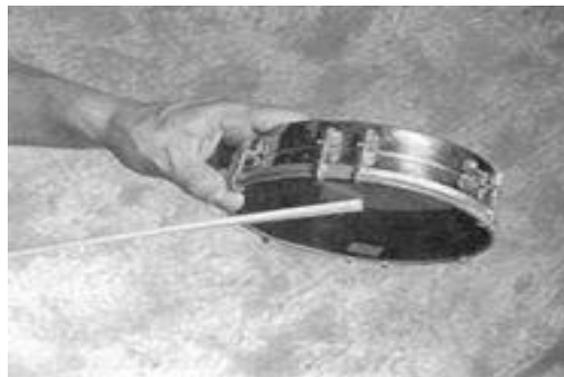
O caxixí é um instrumento idiófono, de origem yoruba que chegou à América com os escravos. Tradicionalmente é usado nos rituais de Candomblé e umbanda.

Agogô



Formado por dois cones de metal, um agudo e outro grave, ambos presos por uma mesma haste. É tocado com um bastão. Também encontrado nas manifestações religiosas afro-brasileiras. Fonte: www.acordacultura.org.br

Tamborim



Pequeno tambor agudo, próprio do samba carioca, tocado com uma baqueta. É também utilizado em outros ritmos. Fonte: www.acordacultura.org.br

Ganzá



Cilindro de metal ou bambu com pedrinhas no interior. Fonte: www.acordacultura.org.br

Gonguê



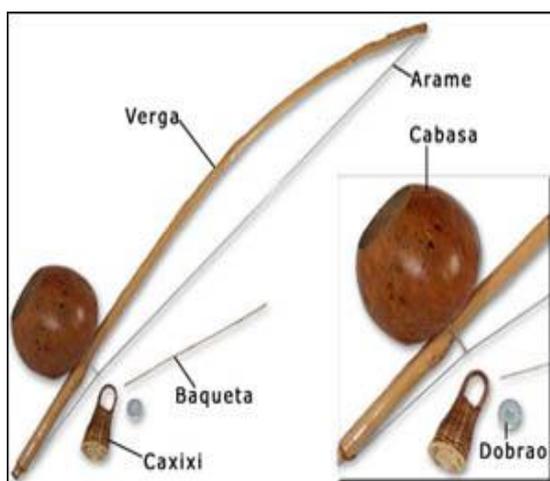
Espécie de agogô. Instrumento usado em danças como zambê e bambelô.

Rabeca.



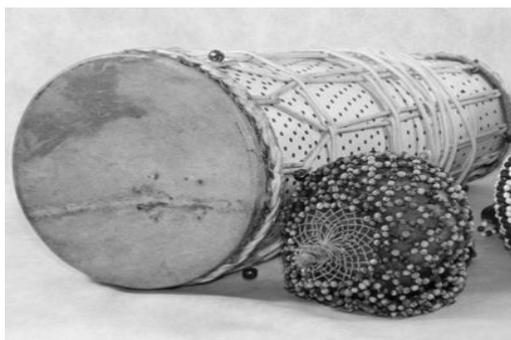
A palavra **rabeca** foi usada durante a [idade média](#) para designar um [Kebab](#), instrumento importado do Norte da [África](#). Há pesquisadores que apontam sua origem na cultura árabe, assim como o alaúde e outros instrumentos de corda.

Berimbau



Instrumento musical de tradição africana constituído por um arco de madeira, preso por um fio de arame esticado. Em uma de suas extremidades, é colocada uma cabaça aberta, fixada ao arame e à madeira por um barbante. Para tocar, usam-se um dobrão ou uma pedra chata, na mão esquerda, e uma vareta de bambu, mais um caxixi pequeno, na mão direita. Fonte: www.acordacultura.org.br

Guanazamba.



O guanazamba é um grande atabaque, com 100 a 120 cm de comprimento, às vezes 150, e diâmetro aproximado de 40 cm, usado no acompanhamento da dança "tambu" ou jongo e do batuque em São Paulo.

O tocador senta-se sobre ele, batendo em cheio com as mãos, produzindo um som cavo, grave. Também conhecido com os nomes de caxambu, João, pai-João, pai-toco e tambu.

Fonte: Enciclopédia da Música Brasileira - Art Editora.

Atabaque



Nome mais conhecido do tambor de origem africana. No Brasil, é tocado no candomblé, no afoxé, no partido alto, no jongo e nos sambas em geral. Fonte: www.acordacultura.org.br

Ingome. Também chamado angoma



ou engono. Grande tambor de uma só membrana, usado nos candomblés bantos (angolas e congos) e também em certas danças como cocos e jongos.

Adornos corporais.

O candomblé e a umbanda se veste com a moda africana



Vestimenta completa:

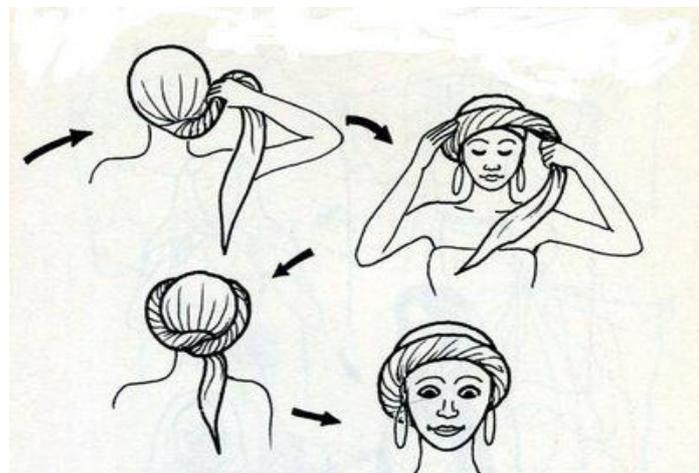


O turbante.



O turbante afro-brasileiro é eminentemente afro-islâmico, protegendo a cabeça do sol e dos desertos ou de áreas quentes e tórridas no próprio continente africano. Ver uma pessoa de turbante é mais comum no estado baiano, mas o turbante não é uma peça exclusiva culturalmente da Bahia, está em trajes como nos maracatus com as chamadas **Baianas do Maracatu de Pernambuco**, em alguns grupos do **Congadeiro em Minas Gerais** em muitos outros locais sempre com um princípio Afo.

O ojá nagò.



Durante o período da escravidão, era comum perceber as diferenças entre as culturas africanas trazidas ao Brasil através de detalhes da roupa. Entre as nagôs, o ojá era amarrado com várias voltas ao redor da cabeça.

O lenço jeje.



Já as negras Jeje usavam um lenço sobre os cabelos. Dobravam o tecido em formato triangular, com a ponta para trás.

Turbante mulçumano.



Preocupadas em esconder o cabelo, as muçulmanas amarravam o turbante com as pontas soltas para trás.



Cobrir a cabeça era tão importante para o povo antigo que, de acordo com muitos relatos, era tradição, só sair de casa com torço/turbante ou chapéu.

As tranças.



As tranças foram usadas como ato de resistência pelo povo africano, pois quando os reis de tribos de escravos eram capturados, tinham seus cabelos raspados, esse "castigo" era dado para amedrontar os outros integrantes daquela tribo, raspar a cabeça dos líderes representava humilhação, pois a dignidade era descartada junto com os cabelos. É por esse motivo que a trança simboliza resistência.

Hoje, as tranças não estão ligadas somente a cultura africana, muitas mulheres aderiram ao penteado, que por sinal trás elegância e sofisticação ao look.

As Joias e adereços.

O portar símbolos que identifiquem seus papéis sociais faz os indivíduos serem reconhecidos e integrados a seus grupos.

Joias crioulas.



Nos adornos corporais, destaca-se a joalheria étnica, que é continuidade de memórias e retoma a valorização de materiais, cores, tecnologias, formas, usos e funções de objetos para representar diferentes momentos das pessoas em suas trajetórias sociais e culturais.

As penças de balangandãs.



foram usadas por algumas mulheres negras e mulatas na cintura, em ocasiões festivas, na Bahia do século XVIII às primeiras décadas do século XX. Esses adereços, insígnias de distinção, possuem três partes: corrente, nave ou galera e elementos pendentes. A corrente serve para fixar o adorno à usuária, perpassando-lhe a cintura. A nave ou galera agrupa os elementos pendentes, amuletos (elementos de proteção) e talismãs (elementos propiciatórios) definidores de cada pença de balangandãs. Sua reunião torna cada exemplar

único, visto que é fruto de escolhas pessoais. Os elementos mais frequentes na coleção Museu Carlos Costa Pinto são a figa, o coco de água, a chave, a moeda, o cilindro, a romã, o cacho de uvas, o peixe e o dente. Todos esses elementos, de caráter mágico, remetem a uma postura diante da vida, referenciada por um conjunto de crenças que lhe conferem sentido

Os idés (pulseiras) e outros.



A própria escolha de búzios, palha-da-costa, tecidos confeccionados em teares artesanais, couro, contas e metais presentes em colares, brincos, pulseiras, nos trajés, nos calçados e bolsas e compondo também penteados já representa em si uma opção estética para adornar ou representar o corpo.

As missangas.



Fio-de-contas são colares normalmente feitos de miçangas coloridas de acordo com o orixá, [Inkice](#), [Vodun](#), cada fio-de-conta tem um significado, através do fio-de-conta é que se pode saber o grau de iniciação de uma pessoa do candomblé, e a que nação pertence.

Búzios



Concha de praia de vários tamanhos, utilizada como objeto de adorno nas roupas dos Orixás onde são aplicados formando desenhos, em colares chamados de fio-de-contas onde são colocados como fecho ou como Brajá totalmente feito de búzios imitando as escamas de uma cobra, como objeto de comunicação com os Orixás nas consultas ao jogo de búzios e Merindelogun.

O búzio tem uma abertura natural e uma parte ovalada, a maioria dos adornos e jogos de búzios são feitos com os búzios cortados, onde é tirada a parte ovalada do mesmo

As 3 contas sagradas do candomblé.



O **Brajá** representa as escamas da cobra ou serpente, representa a riqueza porque é feito com búzios abertos (que na África era usado como dinheiro ou moeda corrente), trançados com fios de cordonê, de um lado e de outro sobrepostos formando as escamas.



O **Humgebê** é entregue ao [vodunsi](#) (rodante, que entra em transe) do candomblé Jeje na obrigação de sete anos "[odu ejé](#)" quando ele passa a ser um sacerdote na entrega do [oyê](#). Somente os vodunsis tem o direito de usá-lo, Em determinadas casas é vetado o uso para [ogans](#) e [ekedis](#).

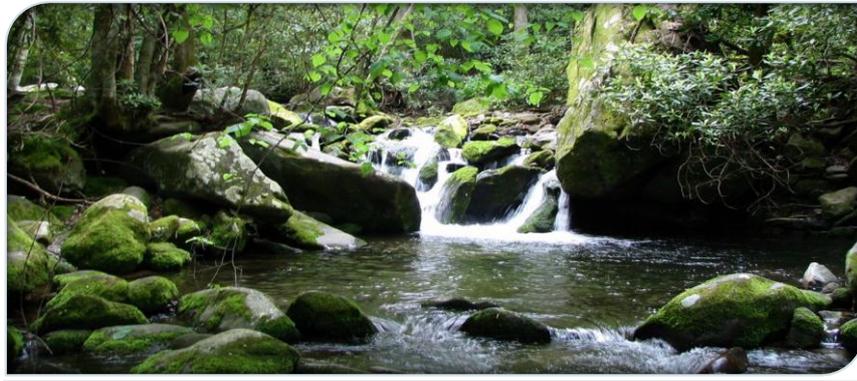


O ***Lagdibá*** é feito de chifre de búfalo cortado em rodelinhas formando pequenos discos, normalmente é de cor preta, usados pelos **filhos da terra** [Omolu](#), [Xapanã](#), [Sakpatá](#) e outros

Os Deuses africanos e a natureza.

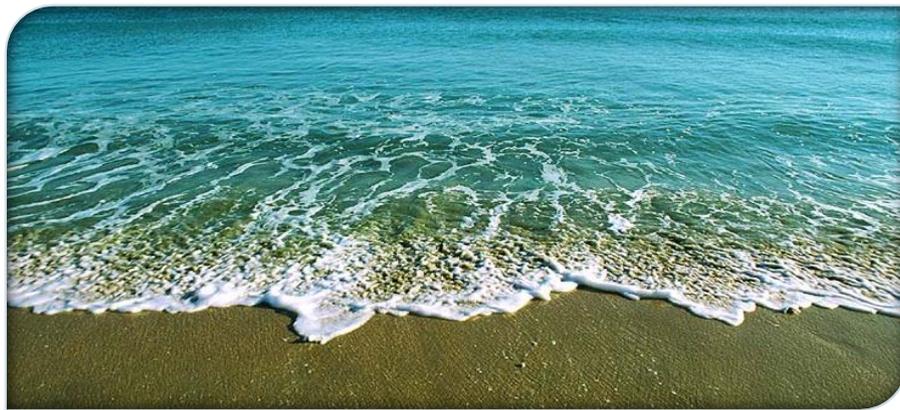
Ecologia magia e saúde.

As águas doces



São a morada das ninfas, entre elas Oxun.

As águas do mar.



São o reduto das sereias, ninfas entre elas Iemanjá, Ajesaluga, Olokun, , etc

As matas.



São a morada de Ossain, o orixa da magia das folhas, da medicina e da saúde.

Ko si ewé kosi Orisa
"Sem folhas não há Orisa"

A terra.



Sobre ela caminha o homen, caminha Ogun, nela nascem nossos alimentos e sobre ela se deita Onilé.

Organização social.

Nos abacás de candomblé se formam uma sociedade organizada.

A hierarquia.

Os Pais ou mães de santo.

As ekedjes

Os Ogãs.

Os filhos de Santo.

Os abians.

O **Pai ou a Mãe de Santo (babalorisa ou Iyálorisa)**

é a autoridade máxima dentro do Candomblé. Eles são escolhidos pelos próprios Orixás para que os cultuem na terra. Os Orixás os induzem a isto, fazem com que as pessoas por eles escolhidas sejam naturalmente levadas à religião, até que assumem o cargo para o qual estão destinadas. Uma pessoa não pode optar se quer ou não ser um Pai ou Mãe de Santo se não acontecer durante sua vida fatos que a levem a isto. São pessoas que de alguma forma são iluminadas pelos Orixàs para que cumpram seu destino. Os Pais de Santo, normalmente, **são donos de uma roça**, ou seja, um lugar onde estão plantados todos os axés e no qual os Orixàs são cultuados. **Dentro da roça existe o barracão** (assim denominado por causa dos negros que antigamente moravam em barracões), que é o lugar em que são feitos os grandes assentamentos (oferendas) para os deuses.

Cargos de maior responsabilidade e poder.

Hierarquicamente, existe, ainda, na roça um **pai pequeno ou mãe pequena (BABALASÉ OU Iyálasé)**, que é o braço direito do Pai de Santo herdeiro do conhecimento mais profundo e é normalmente um filho ou filha da casa.

Depois vem, as **Iyá Ekedes** são mulheres bem escolhidas pelos Orixàs para cuidar deles e ajudá-los. Embora sejam consideradas autoridades dentro da roça, não podem ser Mães de Santo, visto que sua função já foi determinada e não há como mudar.

Os cargos funcionais.

A seguir vem os **Ogãs**, que tocam os atabaques, abatem os animais, colhem as folhas, cuidam do peji e ajudam o Pai de Santo nos fundamentos da casa;

a **Iyá Bace**, toma conta da cozinha, do alimento das pessoas em função espiritual e, de todas as comidas para os Orixas.

Posições temporárias.

a **Iyá Efun**, dona do efun (pemba), e que está encarregada de pintar **os Yaôs** (iniciantes que estão recolhidos para fazer o Orixá);

e finalmente os **filhos de Santos**, que são as pessoas que "rasparam o Santo", ou melhor, raspam a cabeça para um Santo a pedido deste.

Hierarquia no Culto aos Egunqun

Masculinos:

Alapini (Sacerdote Supremo, Chefe dos alagbás),

Alagbá Sacerdote (Chefe de um terreiro),

Ojê (iniciado com ritos completos),

Ojê agbá (ojê ancião),

Atokun (ojê que guia de Egum),

Amuixan (iniciado com ritos incompletos),

Alagbê (tocador de atabaque).

Alguns oiê dos ojê agbá: Baxorun, Ojê ladê, Exorun, Faboun, Ojé labi, Alaran, Ojenira, Akere, Ogogo, Olopondá.

Femininos:

Iyalode (responde pelo grupo feminino perante os homens),

Iyá egbé (líder de todas as mulheres),

Iyá monde (comanda as ató e fala com os Babá),

Iyá erelu (cabeça das cantadoras), erelu (cantadora),

Iyá agan (recruta e ensina as ató), ató (adoradora de Egun).

Outros oiê: Iyale alabá, Iyá kekere, Iyá monyoyó, Iyá elemaxó, Iyá moro.

Assogba Supremo sacerdote do culto de Obaluaiyê

Babalosanyin: Responsável pela colheita das folhas.

Hierarquia no candomblé Ketu

Iyá / Babá: significado das palavras iyá do yoruba significa mãe, babá significa pai.

Iyalorixá / Babalorixá: Mãe ou Pai de Santo. É o posto mais elevado na tradição afro-brasileira.

Iyaegbé / Babaegbé: É a segunda pessoa do axé. Conselheira, responsável pela manutenção da Ordem, Tradição e Hierarquia.

Iyalaxé (mulher): Mãe do axé, a que distribui o axé e cuida dos objetos ritual.

Iyakekerê (mulher): Mãe Pequena, segunda sacerdotisa do axé ou da comunidade. Sempre pronta a ajudar e ensinar a todos iniciados.

Babakekerê (homem): Pai pequeno, segundo sacerdote do axé ou da comunidade. Sempre pronto a ajudar e ensinar a todos iniciados.

Ojubonã ou Agibonã: É a mãe criadeira, supervisiona e ajuda na iniciação.

Iyamorô: ou Babamorô Responsável pelo Ipadê de Exu.

Iyaefun ou **Babaefun:** Responsável pela pintura branca das Iaôs.

Iyadagan e Ossidagã: Auxiliam a Iyamorô.

Axogun responsável pelo imolamento de animais, geralmente Ogan confirmado para o orisa Ogun

Iyabassê: (mulher): Responsável no preparo dos alimentos sagrados as comidas-de-santo.

Iyarubá: Carrega a esteira para o iniciando.

Iyatebexê ou Babatebexê: Responsável pelas cantigas nas festas públicas de candomblé.

Aiyaba Ewe: Responsável em determinados atos e obrigações de "cantar folhas.

Aiybá: Bate o ejé nas obrigações.

Ològun: Cargo masculino. Despacha os Ebós das obrigações, preferencialmente os filhos de Ogun, depois Odé e Obaluwaiyê.

Oloya: Cargo feminino. Despacha os Ebós das obrigações, na falta de Ològun. São filhas de Oya.

Iyalabaké: A guardiã do alá de osaala.

Iyatojuomó: Responsável pelas crianças do Axé.

Pejigan: O responsável pelos axés da casa, do terreiro. Primeiro Ogan na hierarquia.

Alagbê: Responsável pelos toques rituais, alimentação, conservação e preservação dos instrumentos musicais sagrados. (não entram em transe). Nos ciclos de festas é obrigado a se levantar de madrugada para que faça a alvorada. Se uma autoridade de outro Axé chegar ao terreiro, o Alagbê tem de lhe prestar as devidas homenagens. No Candomblé Ketu, os atabaques são chamados de **Ilú**. Há também outros Ogans como Gaipé, Runsó, Gaitó, Arrow, Arrontodé, etc.

Ogâ ou Ogan: Tocadores de atabaques (não entram em transe).

Ebômi: Ou Egbomi são pessoas que já cumpriram o período de sete anos da iniciação (significado: meu irmão mais velho).

Ajoie ou ekedi: Camareira do Orixá (não entram em transe). Na Casa Branca do Engenho Velho, as ajoies são chamadas de ekedis. No Terreiro do Gantois, de "Iyárobá" e na Angola, é chamada de "makota de angúzo", "ekedi" é nome de origem Jeje, que se popularizou e é conhecido em todas as casas de Candomblé do Brasil. (em edição)

Iaô: filho-de-santo (que já foi iniciado e entra em transe com o Orixá dono de sua cabeça), nem todo Iaô será um pai ou mãe de santo quando terminar a obrigação de sete anos. Ifá ou o jogo de búzios é que vai dizer se a pessoa tem cargo de abrir casa ou não. Caso não tenha que abrir casa o mesmo jogo poderá dizer se terá cargo na casa do pai ou mãe de santo além de ser um egbomi.

Abiã ou abian: Novato. É considerada abiã toda pessoa que entra para a religião após ter passado pelo ritual de lavagem de contas e o bori. Poderá ser iniciada ou não, vai depender do Orixá pedir a iniciação.

Sarepebê ou sarapebê é responsável pela comunicação do egbe (similar a relações públicas).

Otun e Osy Axogun são os auxiliares do Axogun

Apokan responsável pelo culto de Olwuaye e o Olugbajé

Hierarquia do candomblé Jeje

Os voduns da família de **Dan** são chamados de **Megitó**, enquanto que da família de Kaviungo, do sexo masculino, são chamados de **Doté**; e do sexo feminino, de **Doné**

No Jeje-Mahi

Doté é o sacerdote, cargo ilustre do filho de Sogbô

Doné é a sacerdotisa, cargo feminino, esse título é usado no Terreiro do Bogum onde também são usados os títulos Gaiaku e Mejitó. similar à Iyalorixá

No Jeje-Mina Casa das Minas

Toivoduno- sacerdote,

Noche - é a sacerdotisa.

No Kwé Ceja Houndé

Gaiaku, cargo exclusivamente feminino

Ekede-

Os cargos de Ogan na nação Jeje são assim classificados: Pejigan que é o primeiro Ogan da casa Jeje. A palavra Pejigan quer dizer "Senhor que zela pelo altar sagrado", porque Peji = "altar sagrado" e Gan = "senhor". O segundo é o Runtó que é o tocador do atabaque Run, porque na verdade os atabaques **Run, Runpi e Lé** são Jeje.

Hierarquia do candomblé Bantu Angola.

Tata Nkisi - Zelador.

Mametu Nkisi - Zeladora.

Tata Ndenge - pai pequeno.

Mametu Ndenge - Mãe pequena(há quem chame de Kota Tororó, mas não há nenhuma comprovação em dicionário, origem desconhecida).

Tata NGanga Lumbido - Ogã, guardião das chaves da casa.

Kambondos - Ogãs.

Kambondos Kisaba ou Tata Kisaba - Ogã responsável pelas folhas.

Tata Kivanda - Ogã responsável pelas matanças, pelos sacrifícios animais (mesmo que axogun).

Tata Muloji - Ogã preparador dos encantamentos com as folhas e cabaças.

Tata Mavambu - Ogã ou filho de santo que cuida da casa de Exu (de preferência homem, pois mulher não deve cuidar porque mulher menstrua e só deve mexer depois da menopausa, quando não menstruar mais, portanto, pelo certo as zeladoras devem ter um homem para cuidar desta parte, mas que seja pessoa de alta confiança).

Mametu Mukamba - Cozinheira da casa, que por sua vez, deve de preferência ser uma senhora de idade e que não mestrua mais.

Mametu Ndemburo - Mãe criadeira da casa(ndemburo = runko).

Kota ou Maganga - Em outras nações EKEJI (todos os mais velhos que já passaram de 7 anos, mesmo sem dar obrigação, ou que estão presentes na casa, também são chamados de Kota).

Tata Nganga Muzambù - babalawo - pessoa preparada para jogar búzios.

Kutala - Herdeiro da casa.

Mona Nkisi - Filho de santo.

Mona Muhatu Wá Nkisi - Filha de santo (mulher).

Mona Diala Wá Nkisi - Filho de santo(homem).

Tata Numbi - Não rodante que trata de babá Egun(Ojé).

Hierarquia do candomblé Bantu Kongo

Mam'etu ria mukixi.....sacerdotisa no Angola.

Tat'etu ria mukixi.....sacerdote no Angola.

Nengua-a-nkisi.....sacerdotisa no Kongo.

Nganga-a-nkisi.....sacerdote no Kongo.

Mam'etu ndenge.....mãe pequena no Angola.

Tat'etu ndenge.....Pai pequeno no Angola.

Nengua ndumba.....mãe pequena no Kongo.

Nganga ndumba.....pai pequeno no Kongo.

Kambundo ou Kambondo....todos os homens confirmados.

Kimbanda.....Feiticeiro, curandeiro.

Kisaba.....pai das sagradas folhas.

Tata utala.....pai do altar.

Kivonda.....Sacrificador de animais (Kongo).

Kambondo poko.....sacrificador de animais (Angola).

Kuxika ia ngombe.....Tocador (kongo).

Muxiki.....tocador(Angola).

Njimbidi.....cantador.

Kambondo mabaia.....responsável pelo barracão.
Kota.....todas as mulheres confirmadas.
Kota mbakisi.....responsável pelas divindades.
Hongolo matona.....especialista nas pinturas corporais.
Kota ambelai.....toma conta e atende aos iniciados.
Kota kididi.....toma conta de tudo e mantém a paz.
Kota rifula.....responsável em preparar as comidas sagradas.
Mosoioio.....as (os) mais antigas.
Kota manganza.....título alcançado após a obrigação de 7 anos.
Manganza.....título dado aos iniciados.
Uandumba.....designa a pessoa durante a fase iniciatória.
Ndumbe.....designa a pessoa não iniciada.

Sacerdotes na África BANTU (ANGOLA-KONGO).

Kubama.....adivinhador de 1a categoria.
Tabi.....adivinhador de 2a categoria.
Nganga-a-ngombo.....adivinhador de 3a categoria.
Kimbanda.....feiticeiro ou curandeiro.
Nganga-a-mukixi.....sacerdote do culto de possessão (Angola).
Niganga-a-nikisi.....sacerdote do culto de possessão (Kongo).
Mukúa-umbanda.....sacerdote do culto de possessão (Angola-Kongo).

O oráculo.

Os buzios brasileiros

O opele ifá africano.



Jogo de buzios.

O jogo de búzios é uma das artes divinatórias utilizado nas religiões tradicionais africanas e na religiões da Diáspora africana instaladas em muitos países das Américas.

Existem muitos métodos de jogo, o mais comum consiste no arremesso de um conjunto de 16 búzios sobre uma mesa previamente preparada, e na análise da configuração que os búzios adoptam ao cair sobre ela.

O advinho, antes reza e saúda todos os Orixás e durante os arremessos, conversa com as divindades e faz-lhes perguntas.

Considera-se que as divindades afetam o modo como os búzios se espalham pela mesa, dando assim as respostas às dúvidas que lhes são colocadas.

No Brasil os búzios (conchas pequenas de praia), (cawris na África eram usados como dinheiro, foi moeda corrente) são usados pelos Babalorixás e Iyalorixás para comunicação com os Orixás, nas consultas ao jogo de búzios ou Merindelogun.

Opele Ifá.



É um sistema de adivinhação que se originou na África Ocidental entre os yorubas, na Nigéria. É também designado por **Fa** entre os Fon e **Afa** entre os Ewe. Não é propriamente uma divindade (Orixá), é o porta-voz de Orunmilá e dos outros orixás.

O sistema pertence as religiões tradicionais africanas mas também é praticado entre os adeptos da Lukumí de Cuba através da Regla de Ocha, Candomblé no Brasil através do Culto de Ifá, e similares transplantadas para o Novo Mundo.

No Candomblé não existe autodidata nem auto-iniciação. Para ser um Filho [a] de Santo um longo tempo de Iniciação é indispensável e se o interessado em Candomblé pretende se utilizar do oráculo africano, o Jogo de Búzios, foco de interesse de muita gente, a religião se mostra ainda mais inacessível. Apesar dos inúmeros oráculos online [softwares, programas] disponíveis na internet; apesar, ainda, de existir até um Tarô do Búzios ou Tarô dos Orixás [Tarô dos Orixás: Senhores do Destino - Editora Palas], inovações recentes, o oráculo afro-brasileiro, o Jogo de Búzios [Ifá], somente é confiável quando "operado" pelas mãos credenciadas dos sacerdotes, o Babalorixá [Pai ou Zelador de Santo] ou Yalorixá [Mãe ou Zeladora de Santo]. Este é um ponto indiscutível entre os especialistas.

O negro é história no Brasil.

a sua história é cultura, é saber, é aprender, que para nosso conhecimento e desenvolvimento social e cultural, infelizmente não estudamos e nem ensinamos nas escolas.

Apesar da lei de nº 10.639 que altera a lei nº 9394-96, ou seja, modifica a Lei das Diretrizes e Bases da Educação incluindo a cultura afro-brasileira, ainda não há, ao meu modo de ver, um "reconhecimento" do vigor da mesma e nem uma exigência de sua aplicação nas escolas.

Tombamento.

A algum tempo eu estou pesquisando e preparando um documento para ser encaminhando á ONU, solicitando a proteção, o reconhecimento e o tombamento do candomblé brasileiro como Patrimônio Cultural Intangível da Humanidade. Baseada no fato que levou a destruição dos documentos de desembarque dos escravos no Brasil e sua origem, ficamos apenas com historia oral de quem somos descendentes, e temos apenas as casas de candomblé, os ilés e abassas como guardiões de nossa identidade ancestral.

À saber:

O **Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade**, também chamado **Patrimônio Cultural Intangível da Humanidade** é uma distinção criada em 1997 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura para a proteção e o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial, abrangendo as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em respeito da sua ancestralidade, para as gerações futuras. São exemplos de patrimônio imaterial: os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações, as festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições.

A cada dois anos são escolhidos os bens a partir das candidaturas apresentadas pelos países signatários da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. A

primeira lista de bens inscritos foi divulgada em 2001, seguida por outras duas, em 2003 e 2005, totalizando 90 bens imateriais inscritos.

Yá Carmen S. Prisco, comendadora.



- **Ministra religiosa**, Iyalorisá e iyálasé do Ilè Iyálasé Iyálòódé Òsùn Òpará Òromiladè.
- **Comendadora** pela Ordem do mérito municipalista.
- **Medalha Tiradentes**, por serviços prestados às populações em risco social.
- **Secr. de Relações Institucionais e parcerias estratégicas** do Instituto Oromilade.
- **Vice presidente CNAB-região** metropolitana do litoral sudeste e Vale do Ribeira.
- **Comissão Organizadora_II** Conferencia Metropolitana de promoção da Igualdade Racial- 31/05/2009- SANTOS/SP.
- **Delegada metropolitana_II** Conferencia Estadual de promoção da Igualdade Racial- 10, 11, 12/05/2009- São Paulo/SP.
- **Delegada estadual_ II** Conferencia Nacional de promoção da Igualdade Racial- 25, 26, 27, 28/06/2009- Brasília/DF.
- **Coordenação estadual do CENARAB-** SP 2010.
- **Aspirante a conselheira** no FÓRUM INTER RELIGIOSO da Secretaria de Justiça e defesa da cidadania do Estado de SP.
- **Escritora**_ Uma princesa malgaxe na Bahia
- Telefones: 13 3495-1286/ Celular: CLARO *13 9161-6133/ OI*13 8801-7584/ TIM*13 8151-3398/ VIVO *13 9710-7707.
- E-mail: carmensprisco@hotmail.com
- Facebook: Carmen Silvia Prisco
- Wordpress: [Carmensprisco's Blog](#)